

Compromisso com o País

As nossas autoridades falam freqüentemente na necessidade de retomar o crescimento econômico e melhorar a distribuição de renda. Mas muitas delas se esquecem — ou fingem esquecer — de que isso é obtido, principalmente, por meio da educação. Tanto assim que, quando surge a oportunidade de pôr na prática a prioridade dada à educação no discurso político, se omitem e se deixam envolver por questões políticas.

A baixa escolaridade dos brasileiros, de quatro anos em média, é motivo de vergonha nacional, ou ao menos deveria ser. Afinal, na vizinha Argentina a média é de 8,7 anos; no Paraguai, de 9,2; e entre os tigres asiáticos passa dos 11 anos. No Primeiro Mundo, a escolaridade média vai de 12 a 16 anos, o que mostra quanto ainda teremos de avançar.

Nos países desenvolvidos, o ensino básico é a prioridade máxima dos governos, pois custa bem menos que os demais e garante um retorno bem maior para a sociedade.

Em nosso país temos 2,7 milhões de crianças, de 7 aos 14 anos, fora da escola, o que constitui um dos grandes obs-

táculos ao desenvolvimento. Vivemos hoje uma nova etapa do capitalismo, que exclui implacavelmente os que não conseguem um mínimo de educação, com a agravante de que o Estado não está aparelhado para amparar essas pessoas, fornecendo-lhes o mínimo essencial para uma sobrevivência digna. Só na educação, portanto, podemos encontrar uma saída.

Sabedor disso, o ministro Paulo Renato Souza lançou o Programa Toda Criança na Escola e, posteriormente, a Semana Nacional da Matrícula. Trata-se de um projeto perfeito, para o qual foram providenciadas todas as condições, até mesmo financeiras.

A meta de pôr todas as crianças na escola, rigorosamente, é impraticável, todos nós sabemos, pois nem sequer é conseguida no Primeiro Mundo. Mas funciona como uma demonstração de vontade política, uma intenção alicerçada em recursos e em muita disposição para o trabalho e para acabar com uma grande injustiça social.

Mas para que a meta seja alcançada, num país de dimensões continentais e com tanta diversidade como o nosso, não

basta a ação do Ministério da Educação. É necessária a união de todas as forças, entre elas a iniciativa privada, para que o projeto dê certo.

No entanto, o que se viu na Semana da Matrícula foi desinteresse total por parte de alguns governadores e prefeitos, permitindo que as cores partidárias prevalecessem sobre o interesse nacional.

A capital paulista, onde foi instalado um único posto de matrículas, é um bom exemplo disso. Um posto que, aliás, não funcionou no primeiro dia da campanha.

Prefeitos que não se dão com o governador prejudicam a campanha. Governadores não afinados com o governo federal fazem a mesma coisa. Principalmente em ano eleitoral, ninguém toma atitudes que possam, mesmo de longe, reforçar candidaturas adversárias. Esse é o estilo mais pobre de fazer política, mas, infelizmente, é o que está em vigor no Brasil.

Precisamos acabar urgentemente com isso. Precisamos nos unir, todos, em torno do objetivo maior de acabar com o analfabetismo. Sem política-gem e sem partidatismo, pois, nesse caso, o partido só pode ser o Brasil.

Além do governo, em todas as esferas, é preciso contar com a colaboração de empresas e

universidades públicas e privadas, que poderiam ceder seus espaços e alguns dos seus recursos nos horários ociosos.

O Fundo de Valorização do Magistério está aí mesmo para ajudar a pôr mais crianças na escola e formar cidadãos brasileiros. Mas é preciso que os recursos sejam logo aplicados, e bem aplicados. Não se pode, por exemplo, admitir que no Estado do Rio haja 25 mil professores excedentes na rede de ensino médio (ex-segundo grau), como informa a secretaria de Educação, professora Ana Galheigo. A ser verdadeira, a sua informação é estarrecedora e cabe perguntar: quem levou a essa situação? Vai pagar por isso? Como é possível remunerar bem o magistério nessas condições? O que está sendo feito para sanar essa grave anomalia?

Os recursos, pelo que se vê, existem, mas são desperdiçados. O ministro Paulo Renato deu o pontapé inicial, mas falta o empenho dos outros dez jogadores.

Toda criança na escola tem de ser um compromisso de toda a sociedade para com o País.

■ *Magno de Aguiar Maranhão é reitor do Centro Universitário Augusto Motta (RJ) e pró-reitor acadêmico da Universidade Veiga de Almeida (RJ)*